

# QUINZE FOCOS DE INVASÃO

Cristina Ávila  
Rovênia Amorim  
Da equipe do **Correio**

Fotos: Raimundo Paccó

**A**s invasões no Distrito Federal começam a ficar incontroláveis. A Polícia Militar confirmou pelo menos 15 novos focos - desde moradias debaixo de pontes até a construção de 30 barracos na Estrutural, a ocupação mais problemática de todas. Os telefones do Centro de Operações da PM (Copom) não param de tocar. A população denuncia e pede providências. A secretária de Habitação, Ivelise Longhi, reconhece que a situação exige medidas urgentes e deve conversar hoje com o governador Joaquim Roriz, sobre o assunto.

O comandante de plantão do Copom, capitão Cláudio Ribas, afirma que os 15 focos foram confirmados entre 10h30 e 18h de segunda-feira e entre 7h e 13h de ontem. "Mas, com certeza, o número de invasões é ainda maior. Não temos condições de confirmar todas as denúncias". O governo também não tem o levantamento completo da situação.

A secretária de Habitação diz que a fiscalização das administrações regionais têm que evitar as novas invasões. "Independente de os novos administradores não terem sido ainda indicados, os fiscais são servidores do GDF e não podem parar por causa da mudança de governo". Ivelise Longhi deverá apresentar propostas ao governador, para a solução do problema. "Quanto mais demorar para começar a ação do governo, pior vai ficar", admite.

A cada hora que passa, mais e mais tijolos são assentados e novos barracos de madeirite são erguidos em Samambaia. As invasões crescem na quadras 601 e 602 e outra começa a brotar na QR 609, próximo ao Parque Três Meninas. As áreas verdes praticamente já não existem mais na QR 602. Moradores da própria vizinhança, que habitam casas de aluguel, improvisam barracas de plástico preto enquanto constroem casebres de alvenaria.

"A gente não tá preocupado com pernilongos e nem com os pinguinhos de chuva. A gente quer é moradia", diz dona Maria de Araújo Calvancante, uma cearense de 49 anos. Ela e o marido, o carpinteiro desempregado Lúcio Alves, de 55 anos, dormem há dois meses numa barraca de plástico. O colchão colocado sobre tijolos é a cama improvisada. Em frente, começou a ser erguida esta semana, com mistura de cimento e barro, a primeira parede da sua casa.

## AGUARDANDO O MOMENTO CERTO

*"Desde outubro que a gente está de olho nesse lote. Só esperando o Roriz. Ele falou na TV que não ia derrubar"*

"Não dá para descuidar, não. Se a gente sai daqui, outro chega e toma o nosso lugar. Levam até o material de construção", denuncia a mulher simples, que mora com a filha Antônia Selma, de 33 anos, na QR 602. "Mas lá é muito apertado. São dez adultos e meus 11 netos", justifica. Por isso, ela e o marido e outros dois filhos casados decidiram construir por conta própria a sonhada casinha.

"Desde outubro que a gente está de olho nesse terreno. Estava só esperando o Roriz entrar, pra come-

çar", diz dona Maria. O seu barraco de um cômodo fica nos fundos de uma casa de dois pavimentos, em loteamento regular, no conjunto 10 da QR 602. A área verde da lateral

dessa mesma casa está demarcada. Uma casinha já foi concluída pela família de dona Maria e outra deve começar em breve.

"Se fosse o Cristovam, eu não estaria fazendo isso não. Ele derruba mesmo e ainda manda a polícia dar a peia", admite Maria. "Com

Roriz é diferente. Ele falou na TV que não ia derrubar casa dos pobres. E ia dar lotes que pudessem ser ocupados. É o caso desses aqui". Na QR 602, existem aproximadamente 60 barracos novos.

Parte dos invasores são pessoas que se inscreveram no Idhab e que ficaram fora do processo de seleção ou decidiram não esperar mais pela burocracia. "Durante dois anos, fiquei pagando cooperativa, mas parei há quatro meses. Tava vendo que não ia sair nada", conta o vigilante Josivaldo Araújo de Oliveira, 25 anos, pai de três filhos.

O barraco dele, de um cômodo, com uma janela e uma porta, já está pronto. "Se o piso secar, mudo hoje mesmo. O banheiro, faço depois. Num dia, dá", acredita. "Se o Roriz mandar derrubar, vai ser a maior decepção do mundo".

## REPÓRTERES SÃO HOSTILIZADOS

*Um tijolo é atirado no carro. "Vão procurar urubu noutro lugar. Vocês só atrapalham. Daqui nós não sai" (sic)*

Invasões pipocam também na QR 601. O terreno que já conta com água e esgoto e que estava reserva-



Na QR 602, pessoas constroem barracos de tijolos e acreditam que o novo governo não vai demolir os

do pelo Idhab para inscritos da lista-limpa foi cercado com arame farpado e tomado por famílias de sem-teto. Os barracos são mais simples que os da QR 602. São cerca de 30. Todos feitos de madeirite. Mas, lá, o **Correio** foi impedido de conversar com as famílias.

Os invasores, inscritos ou não na lista do Idhab, hostilizaram a equipe de reportagem, com palavras. "Vão procurar urubu noutro lugar. Vocês só atrapalham. Daqui nós não sai" (sic), esbravejou uma mulher. Outro sem-teto, também bastante exaltado, tentou quebrar com um soco um dos vidros da lateral do carro do jornal, que foi apedrejado.

Na QR 609, outra invasão. Começou na semana passada e já tem cinco barracos de madeirite. "Ficamos esperando umas três semanas, até os policiais que vigiavam a área cansar. Na quarta-feira (da semana passada), a gente entrou e cercou", conta Sérgio Ricardo Nascimento,

25 anos, que toca teclado nos finais de semana, na Feicenter. Na manhã de ontem, ele capinava a grama em frente ao barraco. "Para afastar as cobras."

Na cidade vizinha, Taguatinga, 19 famílias já invadiram a praça do assentamento do bairro Areal. Anderson André, de 14 anos, terminava ontem à tarde de pregar as últimas telhas do barraco. Ele espera que as derrubadas terminem no governo Roriz. Sua mãe, cabo eleitoral do governador, no entanto, preocupa-se com as novas invasões.

"Acabou de sair daqui uma mulher dizendo que vem aqui, amanhã, lotear a área, para trazer um pessoal do Riacho Fundo. Acho ruim, isso. Nem sabemos quem são", reclama Maria Francisca, a ambulante de 30 anos que costuma vender cerveja no Pistão Sul de Taguatinga.

E a maior invasão do Distrito Federal continua inchando. Entre o final de semana e a segunda-feira, pelo menos 30 barracos surgiram no local. Segundo o secretário da Associação Pró-Criação da Vila Operária da Baixa Estrutural (Aproviles), Aroldo Cunha, os novos invasores são antigos moradores da Estrutural que receberam lotes do governo Cristovam Buarque em outras cidades. "Já venderam e estão querendo voltar", assegura.

A Aproviles foi criada em novembro do ano passado. "Nos organizamos para não permitir novos barracos. E temos certeza que o governador Roriz vai manter os moradores antigos na Estrutural", afirma Aroldo Cunha, Segundo ele, 2.800 famílias ainda moram no local.

Mas alguns casebres acabaram no chão. "Isto é para desmoralizar o governador Roriz, pra dizer que ele também derruba barracos", diz, exaltado, Gerardo Pereira, membro do Movimento de Inquilinos do Distrito Federal. Segundo ele, sob o comando do major Wolnei Rodrigues, a Polícia Militar derrubou não apenas os novos barracos, mas também alguns antigos.

"Estou grávida de cinco meses. Morava aqui com minha irmã. A polícia derrubou nossa casa", reclama Alba Alves Teixeira, mostrando acordo assinado pelo Governo do Distrito Federal com sua irmã, Alalice, para comprovar que tem direito ao lote. Mas admite que não havia móveis dentro. "Tinha deixado minhas coisas no vizinho, para arrumar o piso."

## TREZE BARRACOS CAEM EM UM DIA

*Todos foram derrubados na segunda-feira, informa o major Wolnei Rodrigues. Mas 30 outros se ergueram*

O major não se altera. "Isto já é história!" - diz Wolnei Rodrigues. Ele afirma ter derrubado 13 barracos na segunda-feira. "Todos estavam vazios". E calcula que tenham sido construídos mais de 30. Justifica que não derrubou os outros porque deixaria hoje o cargo de administrador da Estrutural e de subgerente do SivSolo.

Por causa da mudança de coordenação no SivSolo, foram canceladas operações que estavam programadas para ontem. Seriam retiradas as invasões das QEs 38, 42, 44 e 46 do Guará e derrubadas as cercas que estão sendo colocadas na área destinada ao Taguaparque, na Colônia Agrícola Samambaia, em Taguatinga Norte, segundo o sargento Florimar Souza Silva, agente do Serviço de Vigilância do Solo.

■ Leia mais sobre invasões na página 3

## PERFIL

### MAJOR, ATLETA, PAU PARA QUASE TODA OBRA

O major Wolnei Rodrigues entregou ontem os cargos de administrador militar da Estrutural e subgerente do SivSolo (Serviço de Vigilância de Solo), sem ter acabado com os conflitos na invasão. Mas não se incomoda com isso. Considera que cumpriu sua missão.

Ele esvaziou a Estrutural lentamente e conseguiu controlá-la. Desde que assumiu o cargo de administrador da área, no início do ano passado, os moradores passaram a entrar e sair de casa vigiados por soldados, para evitar que a invasão crescesse.

A função foi apenas mais um desafio em sua carreira militar de 18 anos. "Não vejo momentos bons, nem muito difíceis. Foi constantemente difícil. Sempre foi uma situação problemática trabalhar aqui".

Quando iniciou a carreira, trabalhou oito anos em Ceilândia, cidade que tem os maiores índices de criminalidade do Distrito Federal. O major parece não se alterar com nada. Fala sempre no mesmo tom, poucos gestos, sem expressão de emoções.

Wolnei Rodrigues é formado em Economia, no Rio de Janeiro, sua cidade natal. Tem 43 anos e é solteiro convicto. Filhos? "Alguns...", responde. Namorada? "Algumas". Gosta de atletismo, para manter a forma, 1,76 de altura e 82 quilos. Não tem sonhos. "Gosto de viver com o pé no chão. Estou satisfeito com o que tenho e sou".